

REPRESENTATIVIDADE FEMININA NA MATEMÁTICA: A PRODUÇÃO DE FÔLDER COMO MATERIAL DIDÁTICO

FEMALE REPRESENTATION IN MATHEMATICS: THE PRODUCTION OF FOLDER AS TEACHING MATERIAL

REPRESENTACIÓN FEMENINA EN MATEMÁTICAS: LA PRODUCCIÓN DE CARPETAS COMO MATERIAL DIDÁCTICO

Adriane Maria Sales Peixoto*  

Lorena Bischoff Trescastro**  

Wesley Jonatham da Silva Furtado***  

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar um material didático para favorecer o estudo da representatividade feminina na história da matemática, valorizando o legado de mulheres como forma de inspirar e ampliar a visibilidade feminina na sociedade. A metodologia de abordagem qualitativa consistiu em pesquisa bibliográfica, documental e digital; produção de material didático de divulgação e proposta de atividades para a Semana de Valorização das Mulheres que Fizeram História, conforme a Lei nº 14.986, de 25 de setembro de 2024. Nos resultados, o trabalho, apresenta um fôlder com a trajetória de três mulheres que se destacaram na matemática: Elza Furtado Gomide, Katherine Johnson e Marília Chaves Peixoto e atividades pedagógicas para estudantes da Educação de Jovens e Adultos. Reconhecer e valorizar a história dessas mulheres em atividades educativas é fundamental para promover a igualdade de gênero e o reconhecimento da participação feminina na matemática e na sociedade.

Palavras-chave: Perspectivas femininas. Matemática. Lei nº 14.986/2024. Educação de Jovens e Adultos. Fôlder.

ABSTRACT

This article presents teaching materials in order to promote the study of female representation in the history of mathematics, valuing women's legacy as a way to inspire and expand female visibility in society. The qualitative methodology consisted of bibliographic, documentary, and digital research, as

* Graduada de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens na Universidade Federal de Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Augusto Corrêa, 01, Campus Universitário do Guamá, Setor Básico, Instituto de Educação Matemática e Científica, Bairro Guamá, Belém, Pará, Brasil, CEP: 66075-110. E-mail: adriane.peixoto@iemci.ufpa.br.

** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora na Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal de Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Augusto Corrêa, 01, Campus Universitário do Guamá, Setor Básico, Instituto de Educação Matemática e Científica, Bairro Guamá, Belém, Pará, Brasil, CEP: 66075-110. E-mail: lbtrescastro@ufpa.br.

*** Graduando de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens na Universidade Federal de Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Augusto Corrêa, 01, Campus Universitário do Guamá, Setor Básico, Instituto de Educação Matemática e Científica, Bairro Guamá, Belém, Pará, Brasil, CEP: 66075-110. E-mail: wesleyjonatham2005@gmail.com

well as the production of educational material for dissemination and proposed activities for the Women Who Made History Appreciation Week, according with the Law No. 14,986 of September 25, 2024. The results include a brochure with the paths of three outstanding women in mathematics: Elza Furtado Gomide, Katherine Johnson, and Marília Chaves Peixoto; and educational activities for students in Youth and Adult Education. Recognizing and valuing the history of these women in educational activities is fundamental to promoting gender equality and recognizing female participation in mathematics and society.

Keywords: Feminine perspectives. Mathematics. Law No. 14,986/2024. Education of Youth and Adults. Folder.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar materiales didácticos para promover el estudio de la representación femenina en la historia de las matemáticas, valorando el legado de las mujeres como una forma de inspirar y ampliar la visibilidad femenina en la sociedad. La metodología cualitativa consistió en investigación bibliográfica, documental y digital; producción de material educativo para difusión y una propuesta de actividades para la Semana de Reconocimiento a las Mujeres que Hicieron Historia, de conformidad con la Ley N.º 14.986 del 25 de septiembre de 2024. Los resultados incluyen un folleto con las trayectorias de tres mujeres destacadas en matemáticas: Elza Furtado Gomide, Katherine Johnson y Marília Chaves Peixoto; y actividades educativas para estudiantes de Educación de Jóvenes y Adultos. Reconocer y valorar la historia de estas mujeres en las actividades educativas es fundamental para promover la igualdad de género y reconocer la participación femenina en las matemáticas y la sociedad.

Palabras clave: Perspectivas femeninas. Matemáticas. Ley n.º 14.986/2024. Educación de jóvenes y adultos. Folleto.

1 INTRODUÇÃO

As mulheres são maioria na população brasileira, mas ainda enfrentam desigualdades sociais em relação aos homens na sociedade. Segundo dados do terceiro trimestre de 2024 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as mulheres representam 51,2% da população brasileira. Mesmo assim, persiste a desigualdade de gênero como problema estrutural que se manifesta em várias dimensões da vida social, econômica, política e cultural. Isso repercute em diversas formas de discriminação, violência, acesso limitado a recursos econômicos, desigualdades em relação à participação política, ao acesso à educação, ao emprego e à remuneração salarial (Tokarnia, 2025).

No que tange à necessidade de criação de políticas públicas, dentre os principais problemas enfrentados pelas mulheres no Brasil, destaca-se um rol de problemas enfrentados pelas mulheres no Brasil. Pode-se citar a violência física, sexual, psicológica, doméstica, institucional e feminicídio; deficiência no registro e na gestão de dados relativos à violência

contra a mulher; desigualdade na educação, em áreas dominadas por homens, a exemplo de ciências exatas, na qual se insere a matemática, objeto deste estudo; desigualdade no mercado de trabalho e na autonomia econômica; baixa ocupação nos espaços de poder nas esferas municipal, estadual e federal, tanto no setor público quanto no privado; baixo percentual de municípios com organismos de políticas para mulheres (Tokarnia, 2025).

Como forma de tratar a problemática, no sentido de combater a desigualdade de gênero na sociedade, cabe destacar que, em âmbito internacional, o quinto objetivo para o Desenvolvimento Sustentável, dentre os dezessete previstos pela Organização das Nações Unidas, se refere à igualdade de gênero, pois prevê: “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas” (ONU, 2025, s. p.). Seus desdobramentos incluem o debate, a criação de políticas e de ações no sentido de acabar com as formas de discriminação contra mulheres e meninas; eliminar as formas de violência contra mulheres e meninas nas esferas públicas e privadas; garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança nos níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública e promover o empoderamento das mulheres (ONU, 2025).

No contexto educacional, a escolha da temática da pesquisa, referente à representatividade feminina na matemática, se justifica devido a Lei nº 14.986, de 25 de setembro de 2024 que alterou a Lei nº 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), ao estabelecer a obrigatoriedade da inclusão de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados em todo o país (Brasil, 2024). Essa Lei, em vigor desde 25 de setembro de 2025, representa um marco na educação brasileira no sentido de incluir no currículo escolar experiências e contribuições das mulheres na história e na sociedade, reafirmando a necessidade de se abordar pela via da educação a equidade de gênero e a construção de um ambiente educacional mais inclusivo para todas as pessoas.

Diante da necessidade de se produzir materiais didáticos para abordar as perspectivas femininas na escola, este artigo apresenta um estudo para a produção de um fôlder sobre a valorização das mulheres que fizeram história na matemática, fundamentado na Lei nº 14.986/2024. O material didático apresenta a trajetória de três mulheres importantes para a matemática, sendo elas: Elza Furtado Gomide, Katherine Johnson e Marília Chaves Peixoto. Esse material é importante porque “quando se fala em fazer ciência, para a maioria da população brasileira o cientista é homem, branco e velho” (UFF, 2025). Mesmo enfrentado barreiras históricas e sociais, decorrentes da discriminação e do preconceito de gênero, essas mulheres

realizaram contribuições impactantes na matemática e tornam-se exemplos para inspirar estudantes para a pesquisa e atuação profissional em diferentes áreas das Ciências.

Estudos apontam que é importante criar e oferecer modelos para as estudantes, porque um dos motivos para as adolescentes não se sentirem motivadas a estudarem matemática é a falta de identificação (UFF, 2025). Nesse sentido, o pôlder foi concebido como um material didático que pode informar, suscitar debates e oferecer modelos da representatividade feminina na matemática. “Representatividade significa representar com efetividade e qualidade o segmento ou o grupo o qual se faz representar” (Dicionário Informal, 2025). Abordar a representatividade feminina nas ciências, no mercado de trabalho, na política e nos demais espaços de poder é essencial para a educação no sentido de ampliar a compreensão dos estudantes acerca do papel da mulher na sociedade, do fortalecimento de estratégias de enfrentamento da desigualdade de gênero e da abertura para o entendimento de que a mulher pode se destacar em diversas áreas do conhecimento.

Como instrumento de comunicação, o pôlder é um material impresso de caráter informativo usado para divulgação que se destaca por sua organização visual em dobras, texto breve, uso de imagens e pela eficiência em promover eventos, produtos, serviços e ideias (Canva, 2025). A escolha do pôlder como material didático se deu devido à facilidade de produção pelos docentes com uso de recursos tecnológicos e por se tratar de material educativo a ser lido e explorado pelos estudantes em atividades relacionadas à Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História no âmbito das escolas de educação básica do País, a se realizar na segunda semana de março, conforme previsto na legislação educacional (Brasil, 2024).

A pesquisa foi desenvolvida no Curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens, no Instituto de Educação Matemática e Científica (IEMCI), da Universidade Federal do Pará (UFPA), no Campus de Belém, Pará, como parte das atividades do tema: Pesquisa Orientada no Ambiente Escolar e Comunitário II, no período 26 de novembro de 2024 a 25 de março de 2025. A metodologia da pesquisa de abordagem qualitativa compreendeu pesquisa bibliográfica, documental e digital em diversas fontes impressas e digitais. Diante do exposto, a pesquisa tem por objetivo apresentar um material didático para favorecer o estudo da representatividade feminina na história da matemática, valorizando o legado de mulheres como forma de inspirar e ampliar a visibilidade feminina na sociedade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A representatividade feminina é um tema fundamental para promover a equidade de gênero e garantir que as mulheres tenham voz e espaço nas diferentes esferas da sociedade, como política, ciência, educação e mercado de trabalho. Angela Davis, professora e filósofa estadunidense, é uma referência quando se trata de discussões sobre gênero, raça e justiça social. Ela aborda o tema de maneira crítica e engajada, destacando como as questões de gênero estão entrelaçadas com estruturas de poder, desigualdades raciais e econômicas. Segundo Davis (2016), a discussão de gênero não pode ser separada de uma análise mais ampla de opressões sistêmicas. A autora enfatiza que as experiências das mulheres, especialmente das mulheres negras, são moldadas por uma combinação de racismo, sexismo e classismo, o que chama de interseccionalidade. Esse conceito se refere à “interação ou sobreposição de fatores sociais que definem a identidade de uma pessoa e a forma como isso irá impactar sua relação com a sociedade e seu acesso a direitos” (Morangas, 2023).

Para Davis (2016), entender o gênero é compreender como diferentes formas de opressão se cruzam e reforçam umas às outras, criando obstáculos específicos para grupos marginalizados. A autora critica as abordagens tradicionais de feminismo que muitas vezes ignoram as experiências das mulheres negras, indígenas e de outras minorias, defendendo uma perspectiva que seja inclusiva e que lute por justiça social de forma ampla. Davis (2016) destaca a importância de desafiar os papéis tradicionais de gênero e de promover a autonomia das mulheres, especialmente aquelas que enfrentam múltiplas formas de opressão. Em suas publicações, Davis (2016) enfatiza que a luta por justiça social deve incluir a luta por igualdade de gênero na educação, reconhecendo as especificidades das experiências de diferentes grupos e a solidariedade necessária na luta pelas desigualdades.

A história da luta das mulheres por educação nos Estados Unidos alcançou o auge quando as mulheres negras e brancas comandaram juntas, depois da Guerra Civil, a batalha contra o analfabetismo no Sul. A união e a solidariedade entre elas ratificaram e eternizaram uma das promessas mais férteis de nossa história (Davis, 2016, p. 116).

Na mesma perspectiva, Lélia Gonzalez, professora, filósofa e antropóloga brasileira, discute que o sexismo contra a mulher brasileira está profundamente ligado às questões de raça, classe e gênero. Gonzalez (2019) destaca que o machismo e o racismo muitas vezes se entrelaçam, reforçando a desigualdade e a opressão contra as mulheres negras no Brasil. A pesquisadora aponta que o papel social e cultural atribuído às mulheres, especialmente às

negras, contribui para a manutenção de estereótipos e limitações, dificultando sua autonomia e reconhecimento (Gonzalez, 2019). Esse tema é complexo e pertinente para se entender as dinâmicas sociais e lutas por uma sociedade mais justa e igualitária, na qual as mulheres não enfrentem nenhum tipo de discriminação.

Segundo Brech (2018), a participação feminina na matemática ainda é menor do que a dos homens, mas vem crescendo gradualmente, especialmente nas últimas décadas, devido a políticas de incentivo e ao aumento do acesso à educação. “Em quase todos os recortes da comunidade matemática no mundo, a participação feminina fica abaixo de 50% e diminui nos estágios mais avançados da carreira” (Brech, 2018, p. 1). A autora alerta que “a desproporção de gênero reforça o estereótipo do matemático homem e faz com que os problemas que mulheres enfrentam sejam vistos como exceções ou resultados de ‘escolhas pessoais’, além de serem frequentemente relativizados e negligenciados” (Brech, 2018, p. 4). Dentre os avanços, Brech (2018) argumenta que eventos como as duas primeiras edições do Congresso Internacional de Mulheres Matemáticas, realizados em 2010 e 2014, contribuíram para o debate da questão de gênero na matemática.

A presença das mulheres na matemática tem sido marcada por desafios e conquistas ao longo da história. Mesmo enfrentando obstáculos relacionados ao preconceito de gênero, elas têm contribuído de forma significativa para o avanço dessa ciência. Em universidades brasileiras, há iniciativas de se discutir a igualdade de gênero na matemática e de incentivar estudantes a ingressarem na carreira, a exemplo do PET Matemática da Universidade Federal de Santa Catarina que criou o projeto Mulheres na Matemática, em 2023. A iniciativa tem buscado divulgar a vida e a obra de mulheres que se destacaram nessa área de conhecimento, levando em consideração que a maioria das estudantes tiveram pouco ou nenhum contato com a história de alguma mulher que tenha contribuído para o desenvolvimento da matemática. Essa falta de contato pode contribuir para naturalizar a questão do gênero nas ciências e, conseqüentemente, desestimular o interesse das meninas na área de ciências exatas (UFSC, 2025).

Da mesma forma, o Projeto Mulheres na Matemática da Universidade Federal Fluminense divulga biografias para trazer exemplos e criar modelos de mulheres que trabalham em diferentes subáreas da matemática. Isso porque um dos motivos para as adolescentes se desmotivarem com o estudo da matemática é a falta de identificação. Nesse sentido, apresentar a história de matemáticas brasileiras e suas contribuições em pesquisas é muito importante (UFF, 2025). Iniciativas como esses projetos têm buscado valorizar e divulgar as trajetórias

femininas na ciência, contribuindo para a quebra de estereótipos e para a maior representatividade da presença de mulheres na matemática. É fundamental promover uma visão mais plural e diversa da ciência para inspirar novas gerações a seguirem carreiras nessa área.

Estudos sobre gênero apontam para a necessidade de mudanças no discurso e nas práticas quanto às relações de gênero e ensino, especialmente na matemática. Isso porque a escola tem um papel relevante na construção da identidade de gênero para promover a representatividade e a valorização da mulher na sociedade. Ao promover discussões, desenvolver projetos e atividades pedagógicas no currículo escolar, os professores podem contribuir para diminuir preconceitos e desigualdades de gênero dentro e fora da escola, desconstruindo e reelaborando discursos e práticas, no sentido, de inspirar e empoderar estudantes na construção de uma sociedade mais igualitária que respeite as diferenças (Maschio e Lopes, 2024).

Quanto às discussões de gênero das mulheres na ciência, Lima e Soares (2022) trazem à tona a história de cientistas aceitas nas universidades, embora muitas vezes seus saberes tenham sido apropriados por outros cientistas, dado o processo de exclusão e invisibilização das cientistas. Essa pesquisa mostra que, historicamente, “a ciência se desenvolveu pautada em princípios sexistas e misóginos, às custas do apagamento das cientistas diante de critérios que excluíram as mulheres do processo formal de se fazer ciência” (Lima e Soares, 2022, p. 18).

A esse respeito Louro (2014) afirma que a invisibilidade produzida a partir de múltiplos discursos do papel da mulher na sociedade, foi gradativamente rompida, por algumas mulheres. Há tempos, as mulheres trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora de casa, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras, mas era reduzida a presença feminina nas ciências, nas letras e nas artes. As mudanças que se vê atualmente na sociedade resultam de lutas e conquistas das mulheres ao longo da história. Com isso, ressalta-se a relevância de reflexões e discussões de gênero nas comunidades científicas e acadêmicas, que destaque a trajetória e a valorização das mulheres que fizeram história, incluindo o contexto escolar, para superação de parâmetros misóginos e segregadores na sociedade.

No contexto educacional, a Lei nº 14.986, de 25 de setembro de 2024 inclui “a obrigatoriedade de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio; e institui a Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História no âmbito das escolas de educação básica do País” (Brasil, 2024). Essa legislação deve ser estudada pelos educadores e ampliada com pesquisas acerca da (des)igualdade de gênero, no sentido de fundamentar a elaboração de propostas educativas,

pelos educadores, incluindo a produção de materiais didáticos. As abordagens a que se refere a legislação brasileira:

Devem incluir diversos aspectos da história, da ciência, das artes e da cultura do Brasil e do mundo, a partir das experiências e das perspectivas femininas, de forma a resgatar as contribuições, as vivências e as conquistas femininas nas áreas científica, social, artística, cultural, econômica e política (Brasil, 2024).

A presença das mulheres na matemática tem sido historicamente marcada por desafios relacionados ao gênero, à desigualdade de acesso e à invisibilidade de suas contribuições. Incentivar e valorizar as contribuições femininas é um passo importante para uma sociedade mais igualitária, conforme prevê um dos objetivos para o Desenvolvimento Sustentável, para a igualdade de gênero (ONU, 2025, s. p.). Assim, a proposta da criação de um fôlder para divulgar biografias de mulheres na matemática como material didático voltado para estudantes da Educação de Jovens e Adultos é relevante no sentido de promover ações que incentivem a participação feminina, garantindo que elas tenham espaço e reconhecimento iguais. Em resumo, embora ainda haja desafios, a representatividade das mulheres na matemática vem crescendo e é essencial para o desenvolvimento mais justo e inovador da ciência.

3 METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa adota a abordagem qualitativa, de natureza exploratória, cujos dados foram obtidos e produzidos por meio de pesquisas documental, bibliográfica e digital. Optou-se pela abordagem por entendê-la como apropriada para investigações que buscam compreender os sentidos, significados e interpretações atribuídos pelos sujeitos e pelos discursos presentes nos materiais e nas práticas analisadas. A pesquisa educacional com abordagem qualitativa “coloca o pesquisador no meio da cena investigada, participando dela e tomando partido na trama da peça” (Lüdke e André, 1986, p. 7).

O estudo ocorreu no tema: Pesquisa Orientada no Ambiente Escolar e Comunitário II, ministrado pela segunda autora do artigo, como atividade curricular do Curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens, da Universidade Federal do Pará (UFPA), no Campus de Belém, Pará, no período 26 de novembro de 2024 a 25 de março de 2025. A escolha metodológica buscou compreender, descrever e interpretar a produção de um fôlder como material didático a partir de múltiplas fontes de informação, considerando a complexidade e a

riqueza dos contextos educativos. Conforme Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa de abordagem qualitativa não se preocupa com a generalização estatística, mas com a compreensão do objeto estudado.

No âmbito documental, inicialmente, a pesquisa compreendeu o estudo da Lei nº 14.986, de 25 de setembro de 2024 que torna obrigatória abordagens fundamentadas em experiências e perspectivas femininas nos conteúdos curriculares dos ensinos fundamental e médio e instituiu a Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História a se realizar na segunda semana de março nas escolas brasileiras de educação básica (Brasil, 2024) e dos Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável, com ênfase no quinto objetivo que aborda a igualdade de gênero (ONU, 2025). A análise documental se constitui em uma técnica complementar de outras técnicas de abordagem de dados qualitativos (Lüdke e André, 1986).

Com vistas a reunir referências para a fundamentação do estudo, a pesquisa bibliográfica foi realizada para explorar a produção existente do tema investigado. Sobre igualdade de gênero foram selecionadas obras de autoras clássicas e contemporâneas, tais como Davis (2016) e Gonzalez (2019), bem como artigos científicos publicados em anais de eventos e revistas científicas na área da educação. A análise do referencial teórico permitiu estabelecer os fundamentos conceituais da pesquisa e identificar contribuições para embasar a análise dos dados. Segundo Demo (1994, p. 31), “o referencial teórico representa o fiel da balança da pesquisa, porque nele que se encontram soluções para a maioria das dúvidas”.

Em termos exploratórios, foi feito um levantamento de informações sobre o tema mulheres na matemática para a produção do pôster informativo, a pesquisa digital foi realizada em ambientes virtuais e plataformas on-line, com foco na análise de conteúdos educacionais disponibilizados em sites institucionais, portais governamentais e repositórios acadêmicos. Considerando o crescente uso das tecnologias digitais na educação, essa dimensão da pesquisa favoreceu o mapeamento de discursos e práticas que circulam atualmente no espaço digital. A coleta de dados digitais seguiu critérios de confiabilidade, relevância e atualidade das fontes.

Quanto aos procedimentos de análise, os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016). Essa técnica permitiu categorizar as informações, identificar temas recorrentes, contradições e sentidos atribuídos aos conteúdos investigados. Na análise, dentre as mulheres que se destacaram com pesquisas e contribuições na história da matemática, foram selecionadas três para a composição do pôster, a saber: Elza Furtado Gomide, Katherine Johnson e Marília Chaves Peixoto. A escolha dessas mulheres se deu em virtude da representatividade de seus achados para a história da matemática no tempo

histórico em que viveram, no Brasil e no Mundo. A delimitação temporal de suas biografias foi de 1918-2020. Ainda que a pesquisa se baseie em fontes públicas e disponíveis, foram observados princípios éticos da pesquisa científica, garantindo o respeito à integridade intelectual dos autores, com rigor na citação e na referência de todas as fontes consultadas.

A produção do pôlder utilizou recursos da plataforma de design gráfico Canva. O pôlder pode ser impresso ou on-line. A escolha do pôlder se deu por se tratar de um material impresso usado na comunicação visual, organizado em dobras de fácil confecção e manipulação pelos leitores, conhecido por seu uso como mídia de divulgação de eventos, produtos, serviços e ideias (Canva, 2025). Com relação à produção do material didático, por acadêmicos da graduação, utilizando recursos tecnológicos, Arcellino e Maciel (2025, p. 3), afirmam que

É essencial que esses profissionais estejam preparados para enfrentarmos desafios do processo ensino-aprendizagem permeados pelas tecnologias, buscando compreender e utilizar os recursos disponíveis de forma a proporcionar melhores experiências educacionais.

No que se refere ao público a que se destina o pôlder, não se refere a uma turma de alunos ou escola específica, até porque este estudo não incluiu a pesquisa de campo e a aplicação do material em sala de aula. O material didático foi produzido para estudantes das primeiras etapas da Educação de Jovens e Adultos. A escolha do público se deu, primeiramente, em virtude de experiências didáticas vivenciadas na EJA, em práticas educacionais anteriores, pelos acadêmicos que produziram o pôlder e, em segundo lugar, dada à complexidade do tema e linguagem usada no pôlder, ainda que a proposta possa ser adequada a outros públicos. Como parte da metodologia da pesquisa, foram apresentadas propostas de atividades para o uso do pôlder na programação da Semana de Valorização das Mulheres que Fizeram História na Matemática.

Segundo Demo (2005), o professor não deve ser mero reprodutor de conhecimentos, cuja aula se baseia no instrucionismo, mas produzir material didático e proposta própria com base na pesquisa e no manejo de novas tecnologias. Nesse sentido, “é crucial explorar o desenvolvimento e a implementação de novos recursos educacionais digitais que possam ser integrados à formação de professores de Matemática, avaliando seu impacto no ensino e aprendizado” (Oliveira e Silva, 2025, p. 24). De modo que a proposta, elaborada pelos acadêmicos, para além da produção de material didático cria condições para discussões propositivas, paralelamente ao debate sobre as mulheres na matemática, acerca da elaboração de material didático e do uso de tecnologias na formação de professores.

4 ANÁLISE E RESULTADOS

De acordo com Nunes *et al* (2009, p. 11), “a ciência matemática é um produto cultural, resultado de uma longa evolução, e está em contínuo desenvolvimento”. Conceitos e instrumentos matemáticos foram criados e passados de geração em geração, a eles, historicamente, são acrescentados novos estudos e descobertas. Esses conhecimentos científicos devem ser transformados em atividades, projetos e propostas pedagógicas para serem ensinados na escola. Esse movimento de transposição do saber da ciência em saber de ensino tem sido objeto de estudo no campo do ensino de matemática pelo pesquisador francês Chevallard que criou a expressão transposição didática, ou seja, “o processo de transformação da ciência em um currículo que possa ser ensinado” (Nunes *et al*, 2009, p. 11). Os resultados deste trabalho não se referem à transposição didática de conceitos ou procedimentos matemáticos, propriamente, mas trazem uma contribuição no sentido de colocar em destaque e valorizar a representatividade feminina na história da matemática.

Para tanto, tomou-se, inicialmente, como ponto de partida o estudo da Lei nº 14.986, de 25 de setembro de 2024 que tornou obrigatória, desde 25 de setembro de 2025, abordagens fundamentadas em experiências e perspectivas femininas no currículo escolar. Com base no estudo, foi produzido um pôster com a história de três mulheres que se destacaram na matemática e elaboradas sugestões de atividades a ser trabalhadas com estudantes das primeiras etapas da Educação de Jovens e Adultos, em uma perspectiva interdisciplinar, considerando que o pôster compreende um material de leitura, cujo conteúdo reúne a bibliografia de mulheres que contribuíram no desenvolvimento da ciência matemática. Embora, se tenha definido como público estudantes da modalidade EJA, entende-se como necessária a ampliação dessa discussão no ensino fundamental e médio, observadas às adequações necessárias a cada público.

Para Bardin (2016, p. 51), na análise de conteúdo, “a análise documental permite passar de um documento primário (bruto) para um documento secundário (representação do primeiro)”. No caso deste estudo, a análise do conteúdo da legislação, que é um documento, motivou e subsidiou a elaboração de outro material, o pôster informativo, a ser usado como recurso didático na escola. Ademais, para a produção do pôster foram necessárias pesquisas bibliográficas e digitais para reunir informações que permitissem a análise de conteúdo dos textos e a seleção de informações a serem apresentadas no material didático.

Dado o quantitativo de dados disponíveis em ambientes digitais, em contraponto à característica do pôster de se tratar de texto breve que apresenta uma síntese de informações,

foi necessário selecionar dados, considerados relevantes, seguindo no resumo parâmetros que se referem aos dados biográficos. “A seleção de aspectos mais relevantes e a determinação do recorte é, pois, crucial para atingir os propósitos do estudo” (Lüdke e André, 1986, p. 22). Tais parâmetros foram: data de nascimento e falecimento, local onde nasceu, formação acadêmica, atuação profissional e principais descobertas e contribuições para a matemática.

Figura 1 – Fôlder Mulheres na Matemática

BIOGRAFIA DE KATHERINE JOHNSON (1918–2020)

Nascida em 26 de agosto de 1918, na Virgínia Ocidental, destacou-se desde cedo por sua inteligência excepcional, formando-se em Matemática aos 18 anos.

- Katherine Johnson foi uma renomada matemática e cientista norte-americana que desempenhou um papel crucial na corrida espacial, especialmente na missão Apollo 11, que levou o homem à Lua.
- Após um período afastada da carreira científica para se dedicar à família e ao ensino, ingressou na NASA em 1953, onde realizou cálculos precisos que fundamentaram importantes projetos espaciais, como o Mercury e o Apollo. Durante sua trajetória, enfrentou e superou a segregação racial, marcando sua atuação como pioneira na ciência e nos direitos civis.
- Katherine publicou mais de 20 artigos científicos durante 33 anos de carreira. Sua história foi retratada no filme *Estrelas Além do Tempo* (2016), destacando sua contribuição e a de outras mulheres negras na exploração espacial. Faleceu aos 101 anos, em 24 de fevereiro de 2020, deixando um legado inspirador na ciência e na igualdade.

3

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA E CIENTÍFICA**

**DISCENTES:
ADRIANE MARIA SALES PEIXOTO
WESLEY JONATHAM DA SILVA
FURTADO**

**PESQUISA ORIENTADA NO AMBIENTE
ESCOLAR E COMUNITÁRIO II
PROF. DRA. LORENA BISCHOFF
TRESCASTRO**

REFERÊNCIAS
ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. Marília Chaves Peixoto. Disponível em: <http://www.abc.org.br/membro/marilia-chaves-peixoto/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

E-BIOGRAFIA. Katherine Johnson. Disponível em: https://www.cbiografia.com/katherine_johnson/. Acesso em: 19 nov. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. UFG. Elza Furtado Gomide. Disponível em: <https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/ebook-cientistas-brasileiras/09.html>. Acesso em: 22 nov. 2024.



6

**MULHERES
NA
MATEMÁTICA**

**“Mulheres à frente
do seu tempo”**

Acesse esse QRcode para visualizar esse folder online, e compartilhar com amigos!

1

<p>BIOGRAFIA DE MARILIA CHAVES PEIXOTO (1921–1961)</p>  <p>Marília Peixoto, nascida em 24 de fevereiro de 1921, em Santana do Livramento, RS, destacou-se nos estudos e formou-se em Engenharia, iniciando sua carreira docente na Universidade do Brasil.</p> <ul style="list-style-type: none">• Marília Peixoto foi uma engenheira e matemática brasileira de destaque, pioneira no campo científico nacional.• Em 1951, tornou-se a primeira mulher brasileira a integrar a Academia Brasileira de Ciências, um marco histórico. Marília contribuiu de forma notável para o estudo de equações diferenciais e, em parceria com seu marido, Maurício Peixoto, publicou trabalhos de relevância internacional, como o Teorema de Peixoto, que caracteriza sistemas estruturalmente estáveis em variedades bidimensionais.• Além disso, atuou como professora de Cálculo e Mecânica na Escola Nacional de Engenharia e no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, publicando um livro sobre Cálculo Vetorial. Apesar de sua morte precoce, aos 39 anos, seu talento e dedicação deixaram um legado inestimável para a matemática brasileira e para a presença feminina na ciência. <p>2</p>	<p>BIOGRAFIA DE ELZA FURTADO GOMIDE (1925–2013)</p>  <p>Elza Furtado Gomide (1925–2013), nascida em 20 de agosto de 1925, em São Paulo, foi uma matemática pioneira e a primeira mulher a obter doutorado em matemática pela USP, em 1950, com uma tese sobre a conjectura de Weil.</p> <ul style="list-style-type: none">• Formada inicialmente em Física, Elza migrou para a Matemática, onde desenvolveu uma carreira destacada como professora e pesquisadora em Análise Matemática, publicando diversos artigos. Foi chefe do Departamento de Matemática da USP em 1968, atuando também em questões ligadas ao ensino durante o regime militar.• Dedicou-se a melhorar a formação de professores, sendo coautora de uma proposta curricular para a Licenciatura em Matemática, implementada em 1994. Trabalhou na USP de 1945 até sua aposentadoria em 1995, permanecendo ativa na educação enquanto sua saúde permitiu.• Elza Furtado Gomide faleceu em São Paulo, no dia 26 de outubro de 2013. Elza Furtado Gomide deixou um importante legado na matemática e na educação. Seu trabalho influenciou gerações de matemáticos e educadores. Ela continua a ser lembrada como uma figura fundamental na história da matemática no Brasil. <p>4</p>	<p>MULHERES NA MATEMÁTICA: “MULHERES À FRENTE DO SEU TEMPO”</p> <p>Este trabalho apresenta a trajetória de três mulheres que fizeram contribuições significativas à matemática, destacando sua relevância para o desenvolvimento da área. Além disso, reflete sobre a menor valorização das pesquisadoras em comparação aos homens e busca ampliar a visibilidade feminina nas ciências exatas, evidenciando o impacto de suas conquistas no avanço do conhecimento matemático.</p> <p>O estudo destaca as contribuições impactantes de mulheres na matemática, evidenciando seus legados, apesar das barreiras históricas enfrentadas. Reflete também sobre a desigualdade de reconhecimento na ciência e reforça a necessidade de ações para valorizar conquistas femininas, inspirar novas gerações e promover um ambiente mais inclusivo na matemática.</p> <p>Em suma, a história das mulheres na matemática é repleta de desafios e conquistas notáveis. Reconhecer e valorizar suas trajetórias é essencial para promover igualdade no reconhecimento e incentivar a participação feminina em todos os campos da ciência.</p> <p>5</p>
--	--	--

Fonte: Elaboração própria (2024).

Nos resultados, o artigo apresenta um fôlder informativo com a trajetória de três mulheres que se destacaram na matemática, a saber: Katherine Johnson, Elza Furtado Gomide, e Marília Chaves Peixoto (Figura 1). A escolha destas pesquisadoras foi feita em virtude da repercussão de suas descobertas, historicamente, na segunda metade do século XX e início do século XXI, com destaque para suas significativas contribuições à matemática. A ausência de representatividade de mulheres na matemática da região amazônica, no fôlder, se deu em virtude das limitações das fontes bibliográficas encontradas.

As mulheres em sua totalidade enfrentaram diversos percalços para chegarem ao reconhecimento que têm hoje, porém, as mulheres negras, conforme mostrado por Davis (2016) e Gonzalez (2019), sofreram mais com esses problemas, pois além da exclusão por serem mulheres, elas sofriam com o racismo, que é fortemente estruturado em nossa sociedade, desde o período em que foram escravizadas. A desigualdade de gênero e a discriminação racial, nos Estados Unidos, foi vivida por Katherine Johnson (1918-2020), mulher negra, estadunidense, matemática, que trabalhou na NASA, realizando cálculos importantes e precisos, cálculos esses que foram importantes para fundamentar projetos espaciais, como o Mercury e o Apollo (E-biografia, 2024).

Os dados da pesquisa mostraram que Katherine Johnson formou-se em Matemática aos

18 anos de idade, atuou como matemática e cientista estadunidense e publicou artigos científicos. Nos trinta e três anos de carreira, sua atuação teve destaque na missão Apollo 11, que levou o homem à Lua. Ingressou na NASA em 1953, onde realizou cálculos que fundamentaram projetos espaciais, como Mercury e Apollo. Durante sua trajetória, enfrentou e superou a segregação racial, marcando sua atuação como pioneira na ciência e na luta pelos direitos civis nos Estados Unidos. Katherine deixou um legado inspirador na ciência e na igualdade racial e de gênero (E-biografia, 2024). Sua história foi mostrada nas telas do cinema em um filme produzido em sua homenagem.

A história de Katherine Johnson foi retratada no filme *Estrelas Além do Tempo* (2016), destacando sua contribuição e a de outras mulheres negras na exploração espacial. O filme narra a trajetória de Johnson com todos os percalços vividos, para provar sua competência e lidar com o preconceito arraigado na sociedade, não só por ela, mas também por outras mulheres negras que trabalhavam na NASA naquela época. Além disso, a narrativa mostra a disputa entre Estados Unidos e União Soviética na corrida espacial, em plena Guerra Fria (1961), ao mesmo tempo em que a sociedade estadunidense lida com uma profunda cisão racial, entre brancos e negros (AdoroCinema, 2025). Esse filme também pode ser assistido pelos estudantes, na escola, como parte das ações da Semana de Valorização das Mulheres que Fizeram História.

No Brasil, Marília Chaves Peixoto (1921–1961), natural de Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, formou-se em Engenharia e iniciou a carreira docente na Universidade do Brasil. Em 1951, foi a primeira mulher brasileira a integrar a Academia Brasileira de Ciências. Marília contribuiu para o estudo de equações diferenciais e publicou trabalhos de relevância internacional. Atuou como professora de Cálculo e Mecânica na Escola Nacional de Engenharia e no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas e publicou um livro sobre Cálculo Vetorial. Engenheira e matemática brasileira, Marília Peixoto foi pioneira no campo científico e deixou um legado para a matemática brasileira e para a presença feminina na ciência (Academia Brasileira de Ciências, 2024).

Outra mulher fundamental na história da matemática no Brasil foi Elza Furtado Gomide (1925–2013), natural de São Paulo. Ela foi a primeira doutora em Matemática do Brasil, pois foi a primeira mulher a obter doutorado em matemática pela USP, em 1950, com uma tese sobre a conjectura de Weil. Formada em Física e Matemática, foi pesquisadora em Análise Matemática e professora na USP, de 1945 a 1995, e publicou diversos artigos. Dedicou-se a melhorar a formação de professores, sendo coautora de uma proposta curricular para a Licenciatura em Matemática, implementada em 1994. Elza Furtado Gomide deixou um legado

na matemática e na educação. Seu trabalho influenciou gerações de matemáticos e educadores (Universidade Federal de Goiás, 2024).

As mulheres que ora apresentamos no material didático, mesmo enfrentando discriminação, falta de incentivo e desvalorização de seu papel como cientistas, transgrediram e se mostraram à frente de seu tempo. A ausência da representatividade de uma mulher amazônica no fôlder, ou até mesmo paraense, como era nossa intenção, é uma limitação deste estudo. Isso se deu dada a escassez de dados bibliográficos da presença de mulheres amazônicas na matemática. Estudos posteriores podem ser encaminhados para ampliar a representatividade feminina na matemática, considerando a realidade amazônica. A relevância de propostas como essas no currículo escolar se faz necessária em contraponto ao discurso de desigualdades que ainda se perpetua, atualmente, na sociedade. Segundo Jansen *et al* (2018. p.3),

as mulheres, durante um bom tempo da história da humanidade, não foram apenas desestimuladas, mas abertamente proibidas de se dedicar ao campo da Matemática. Elas viviam em sociedade em que as mulheres eram proibidas de ter qualquer tipo de contato, frequentar faculdade e sua tarefa era cuidar apenas da família e do lar.

A área de ciências exatas, até hoje, é um ambiente predominantemente masculino, por isso consideramos relevante a elaboração de propostas que valorizem a representatividade feminina no currículo escolar. Diante do exposto, foi criado um fôlder com o objetivo de aumentar a visibilidade das mulheres na matemática, para romper esse estereótipo de que somente os homens podem atuar nas ciências exatas, as mulheres também devem fazer parte desse ambiente, a exemplo e inspiração das três mulheres apresentadas no material didático. Fôlder pode ser conceituado como: “folheto; documento impresso de tamanho reduzido que, composto somente por uma folha de papel, possui uma ou mais dobras, pode ser usado para apresentar informações gerais sobre algo ou para divulgar e publicitar um evento, um projeto” (Dicio, 2025).

O fôlder é um texto informativo usado como material de divulgação tradicional destinado a públicos específicos que se adaptou aos novos tempos. Sua composição combina texto e imagens de modo criativo, resumido e organizado (Canva, 2025). A escolha do fôlder como material didático parte do pressuposto de que a produção de material didático é inerente à prática docente, pois todo professor deve ser capaz de produzir material didático próprio e inovador. Nesse sentido, a elaboração própria de um fôlder como material didático, por acadêmicos da graduação, se baseia na assertiva de que “a verdadeira aprendizagem é aquela construída com esforço próprio através de elaboração pessoal (Demo, 1992, p. 64).

Para o trabalho com o pôlder, foram elaboradas algumas atividades, destinadas a estudantes da Educação de Jovens e Adultos. Embora esse material tenha sido concebido para a primeira etapa da EJA, ele pode ser ampliado, modificado e adequado para outros níveis de escolaridade, até porque tal discussão não deve se limitar aos estudantes dessa modalidade de ensino. As atividades foram planejadas para serem realizadas na Semana de Valorização das Mulheres que Fizeram História, que deve ocorrer na segunda semana de março nas escolas brasileiras públicas e privadas, conforme a Lei nº 14.986/2024 (Brasil, 2024).

Por se tratar de legislação recente, são poucas as iniciativas de pesquisas e experiências educacionais sobre a temática, de modo que essa proposta pode contribuir para a produção de novas propostas que valorizem as trajetórias femininas na sociedade. As atividades da programação da Semana de Valorização das Mulheres que Fizeram História foram apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 - Semana de Valorização das Mulheres que Fizeram História

Atividades	Descrição
Discussão do tema: Mulheres na Matemática	Primeiro dia: Distribuição do pôlder e discussão do tema Mulheres na Matemática a partir da leitura do pôlder informativo.
Diálogos do filme: Estrelas Além do Tempo	Segundo dia: Projeção de Filme e diálogo a partir do que foi abordado no filme: Estrelas Além do Tempo (2016).
Leitura do livro: Histórias para inspirar futuras cientistas	Terceiro dia: Mediação de leitura do livro: Histórias para inspirar futuras cientistas, Juliana Krapp e Mel Bonfim.
Jogo digital: Quem sou eu?	Quarto dia: Jogo Quem sou eu? Dizer o nome da mulher que fez história a partir de trechos de biografias, extraídos do pôlder, filme e livro.
Produção de painel	Quinto dia: Produção de desenhos, caricaturas, poemas, citações e frases para compor um painel: Mulheres na Matemática.

Fonte: Produção dos autores (2025).

Conforme apresentado no Quadro 1, a programação da Semana de Valorização das Mulheres que Fizeram História na Matemática compreende cinco atividades: Discussão do tema: mulheres na matemática; diálogos do filme: Estrelas além do tempo; mediação de leitura do livro: Histórias para inspirar futuras cientistas, de Juliana Krapp e Mel Bonfim; jogo digital: quem sou eu?; e produção de painel mulheres na matemática, distribuídas em cinco dias, a partir das quais podem ser realizadas outras atividades relacionadas à temática. Do modo como foi planejada, a programação não deve se limitar à execução das atividades, pois tem a intenção de criar condições para a discussão de gênero com os estudantes, ou seja, as atividades previstas na programação não podem ser separadas de uma análise mais ampla de opressões sistêmicas sofridas pelas mulheres na sociedade (Davis, 2016).

Historicamente, desafiando a dominação masculina e o patriarcado nas ciências e na

sociedade, cientistas feministas lutavam pelo reconhecimento da produção acadêmica de mulheres no sentido de dar visibilidade ao legado feminino ocultado (Louro, 2014). A esse respeito, dado o silenciamento da temática em tela em parte das escolas, entende-se que as discussões sobre desigualdade de gênero e a representatividade feminina nas ciências e na matemática devam fazer parte do currículo escolar. Isso porque:

a construção de uma sociedade democrática perpassa pela veemente rejeição de toda e qualquer forma de discriminação, o que reafirma o importante papel da educação na análise crítica dos fenômenos culturais - nos quais se incluem as discussões sobre gênero – que atravessam as diferentes formas de ser, estar e agir na sociedade (Santos; Andrade, 2022, p. 16).

Nesse sentido, sem a pretensão de esgotar a discussão sobre a representatividade feminina na matemática, dada sua amplitude e complexidade, propor atividades para a Semana de Valorização das Mulheres que Fizeram História, em contexto educacional, conforme prevê a Lei nº 14.986/2024 (Brasil, 2024), a partir do pôster como material didático pode favorecer uma abordagem na escola acerca da representatividade feminina na história, valorizando o legado de mulheres na matemática como forma de inspirar estudantes a investirem em suas carreiras profissionais e, assim, ampliar a visibilidade feminina nas ciências e na sociedade.

Ainda que o trabalho com essa temática não deva se limitar a eventos pontuais no calendário escolar, essa proposta pode motivar que tais discussões se instaurem em novos contextos no enfrentamento das desigualdades de gênero, possibilitando reflexões acerca dos movimentos feministas em um contexto histórico, social e político (Santos; Andrade, 2022) que ultrapasse o âmbito educacional. Em suma, reconhecer e valorizar as trajetórias das mulheres que fizeram história em atividades educativas, como parte das atividades do currículo escolar, é fundamental para promover a igualdade de gênero e o reconhecimento da participação feminina nas ciências e na sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES

O artigo apresentou um estudo para a produção de um pôster sobre a valorização das mulheres que fizeram história na Matemática. A investigação permitiu evidenciar as contribuições das mulheres na matemática, ressaltando o impacto de suas pesquisas e a relevância de suas trajetórias. Mesmo enfrentando barreiras históricas e sociais, essas pesquisadoras desafiaram preconceitos, racismo e segregações e deixaram um legado

significativo, muitas vezes subestimado. No decorrer da pesquisa, observou-se que a história das mulheres na matemática é repleta de enfrentamentos, superações, desafios e conquistas notáveis.

Os resultados contribuíram para se refletir acerca da necessidade de se produzir materiais didáticos e propostas de atividades que valorizem a representatividade feminina nas ciências e na matemática. Dentre suas limitações, apontamos a ausência no pôster da representatividade de uma mulher amazônica que tenha se destacado na matemática. Como sugestão para pesquisas futuras, recomenda-se que essa representatividade feminina possa fazer parte das discussões de igualdade de gênero na escola. Ademais, que se busquem elaborar propostas voltadas para o ensino fundamental e médio e que se registrem e analisem a implementação dessas proposições na prática.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. **Marília Chaves Peixoto**. Disponível em: <http://www.abc.org.br/membro/marilia-chavespeixoto/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

ADOROCINEMA. **Estrelas Além do Tempo**. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-219070/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

ARCELLINO, Regiane Cristina Pereira; MACIEL, Cilene Maria Lima Antunes. O letramento digital na formação de professores: possibilidades aos processos de ensino-aprendizagem. **REAMEC – Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**. Cuiabá, v. 13, p. e25002, 2025. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/reamec/article/view/17502>. Acesso em: 20 jun. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3 reimp. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Trad. Maria João Alvarez. Porto: Porto Editora, 1994.

BRECH, Christina. O “Dilema Tostines” das Mulheres na Matemática. **Revista Brasileira Universitária**, p. 1-5, n. 54, ago/set 2018. Disponível em: https://rmu.sbm.org.br/wp-content/uploads/sites/27/2018/08/kika_final.pdf. Acesso em: 10 jun. 2025.

BRASIL. **Lei nº 14.986/2024**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/114986.htm. Acesso em: 08 ago. 2024.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

DICIO. Dicionário on-line de Português. **Significado de fôlder**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/folder/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Significado de representatividade**. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/representatividade/representabilidade>. Acesso em: 13 jun. 2025.

E-BIOGRAFIA. **Katherine Johnson**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/katherine_johnson/. Acesso em: 19 nov. 2024.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

JANSEN, Josivan Pereira; da Silva, Mateus Pontes; Costa, Thayron Manoel Benicio; Melo, Ma. Rayane de Jesus Santos. **Vozes Femininas na Matemática**. III CONAPESC. 2018.

KRAPP, Juliana; BONFIM, Mel. **Histórias para inspirar futuras cientistas**. Rio de Janeiro: Edições Livres, 2021. Disponível em: <https://portolivres.fiocruz.br/historias-para-inspirar-futuras-cientistas>. Acesso em: 20 jun. 2025.

LIMA, Ana Luíza; SOARES, Márton Herbert Flora Barbosa. E a parte da história que não é contada? Reflexões feministas sobre a história da ciência. **REAMEC - Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**, Cuiabá, v. 10, n. 3, p. e22071, 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/reamec/article/view/14266>. Acesso em: 30 set. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MASCHIO, Silvia Aparecida; LOPES, Thiago Beirigo. Epistemologia feminista e ensino de matemática: o papel da escola na redução das desigualdades e diferenças. **REAMEC - Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**, Cuiabá, v. 12, p. e24050, 2024. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/reamec/article/view/18062>. Acesso em: 30 set. 2025.

MORAGAS, Vicente Junqueira. **O que é interseccionalidade?** (2023). Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/acessibilidade/publicacoes/sementes-da-equidade/o-que-e-interseccionalidade>. Acesso em: 13 jun. 2025.

NUNES, Terezinha; CAMPOS, Tânia Maria Mendonça; MAGINA, Sandra; BRYANT, Peter. **Educação Matemática**: números e operações numéricas. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

OLIVEIRA, Mateus Souza de; SILVA, Maria Deusa Ferreira da. As tecnologias digitais na formação de professores de matemática no Brasil: teses e dissertações (2018-2023).

REAMEC – Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática. Cuiabá, v. 13, p. e25006, 2025. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/reamec/article/view/17815>. Acesso em: 13 jun. 2025.

ONU. Nações Unidas Brasil. **Os objetivos de desenvolvimento sustentável no Brasil**.

Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/5>. Acesso em: 12 jun. 2025.

SANTOS, Luciana Xavier Morais dos; GONÇALEZ, Mirian Maria Andrade. Mulheres na docência: narrativas e reflexões para a construção de uma consciência crítica sobre sexismo, cultura e sociedade. **REAMEC - Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**, Cuiabá, v. 10, n. 3, p. e22064, 2022. DOI: 10.26571/reamec.v10i3.13918.

Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/reamec/article/view/13918>. Acesso em: 30 set. 2025.

TOKARNIA, Mariana. Brasil avançou, mas ainda há desigualdade entre homens e mulheres.

Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-02/brasil-avancou-mas-ainda-ha-desigualdade-entre-homens-e-mulheres>. Acesso em: 12 jun. 2025.

UFF. Universidade Federal Fluminense. **Mulheres na Matemática - Biografias**. Disponível em: <http://mulheresnamatematica.sites.uff.br/biografias/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

UFG. Universidade Federal de Goiás. Elza Furtado Gomide. Disponível em:

<https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/ebook-cientistas-brasileiras/09.html>. Acesso em: 22 nov.

2024. UFSC. Universidade Federal de Santa Catarina. **PET Matemática**. Disponível em:

<https://petmatematica.paginas.ufsc.br/mulheres-na-matematica/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

APÊNDICE 1 – INFORMAÇÕES SOBRE O MANUSCRITO

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÕES DE AUTORIA

Resumo/Abstract/Resumen: Adriane Maria Sales Peixoto, Lorena Bischoff Trescastro.

Introdução: Adriane Maria Sales Peixoto, Lorena Bischoff Trescastro.

Referencial teórico: Adriane Maria Sales Peixoto, Lorena Bischoff Trescastro, Wesley Jonatham da Silva Furtado.

Análise de dados: Adriane Maria Sales Peixoto, Lorena Bischoff Trescastro, Wesley Jonatham da Silva Furtado.

Discussão dos resultados: Adriane Maria Sales Peixoto, Lorena Bischoff Trescastro.

Conclusão e considerações finais: Adriane Maria Sales Peixoto, Lorena Bischoff Trescastro.

Referências: Adriane Maria Sales Peixoto, Lorena Bischoff Trescastro.

Revisão do manuscrito: Lorena Bischoff Trescastro e Elizabeth Cardoso Gerhardt Manfredo.

Aprovação da versão final publicada: Lorena Bischoff Trescastro e Elizabeth Cardoso Gerhardt Manfredo.

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmica, política e financeira referente a este manuscrito.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Os dados desta pesquisa não foram publicados em Repositório de Dados, mas os autores se comprometem a socializá-los caso o leitor tenha interesse, mantendo o comprometimento com o compromisso assumido com o comitê de ética.

PREPRINT

Não publicado.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

COMO CITAR - ABNT

PEIXOTO, Adriane Maria Sales; TRESCASTRO, Lorena Bischoff; FURTADO, Wesley Jonatham da Silva. Representatividade feminina na matemática: a produção de fôlder como material didático. **REAMEC – Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**. Cuiabá, v. 13, e25099, jan./dez., 2025. <https://doi.org/10.26571/reamec.v13.20101>

COMO CITAR - APA

Peixoto, A. M. S.; Trescastro, L. B. Furtado, W. J. da S. (2025). A representatividade feminina na matemática: a produção de fôlder informativo como material didático. *REAMEC - Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática*, 13, e25099. <https://doi.org/10.26571/reamec.v13.20101>

DIREITOS AUTORAIS

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista REAMEC – Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática - os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico. Os editores da Revista têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

POLÍTICA DE RETRATAÇÃO - CROSSMARK/CROSSREF

Os autores e os editores assumem a responsabilidade e o compromisso com os termos da Política de Retratação da Revista REAMEC. Esta política é registrada na Crossref com o DOI: <https://doi.org/10.26571/reamec.retratacao>



OPEN ACCESS

Este manuscrito é de acesso aberto (*Open Access*) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (*Article Processing Charges – APCs*). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la - ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.




LICENÇA DE USO

Licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



VERIFICAÇÃO DE SIMILARIDADE

Este manuscrito foi submetido a uma verificação de similaridade utilizando o *software* de detecção de texto *iThenticate* da Turnitin, através do serviço *Similarity Check* da *Crossref*. 

PUBLISHER

Universidade Federal de Mato Grosso. Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM) da Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática (REAMEC). Publicação no [Portal de Periódicos UFMT](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da referida universidade.



EDITOR

Dailson Evangelista Costa  

AVALIADORES

Monica Suelen Ferreira de Moraes  

Avaliador 2: Não autorizou a divulgação do seu nome.

Avaliador 3: Não autorizou a divulgação do seu nome.

HISTÓRICO

Submetido: 15 de julho de 2025.

Aprovado: 30 de setembro de 2025.

Publicado: 30 de dezembro de 2025.
